

(Re)Pensando a Construção da Imagem Persa: a alteridade discursiva e a alteridade iconográfica na Grécia do século V ao século IV a. C.

ENZO ACOSTA XAVIER¹; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS³

¹ Universidade Federal de Pelotas – Acosta.Xavier.Enzo@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – carol.kesser@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A construção da figura do “outro” é uma prática cuja origem é remota, estando presente em todas as sociedades e manifestando-se das mais diferentes formas. Tal prática é entendida, bem como descrita, como “alteridade” e, segundo STASZAK (2009), trata-se de um resultado obtido a partir de um discurso do qual um determinado grupo dominante, “nós”, faz uso para criar e estigmatizar grupos dominados, “eles”, como diferentes e, portanto, sujeitos a uma possível ação discriminatória.

No que diz respeito aos gregos do século V ao IV a.C., essa prática atuava em duas esferas: a intragrupo e a extragrupo. O presente trabalho terá por objeto de estudo o desenvolvimento da alteridade em relação a indivíduos específicos que pertencem ao extragrupo, os persas. Tal análise do desenvolvimento da alteridade grega em relação aos persas não se dará somente a partir da análise discursiva da peça *Os Persas* de Ésquilo, mas também pela análise das imagens presentes na cerâmica grega, situada temporalmente entre os anos de 475 a.C. à 300 a.C., onde são representadas figuras interpretadas como persas.

2. METODOLOGIA

O trabalho baseia-se em duas abordagens anteriormente citadas: a análise do discurso presente na obra *Os Persas* de Ésquilo e a análise iconográfica de vasos gregos em que há a presença de figuras descritas e entendidas como persas.

Em um primeiro momento, perscrutou-se a obra a procura de elementos textuais e discursivos que poderiam ser classificados como marcadores e indicadores da alteridade dos gregos para com os persas, partindo do princípio de que não há, necessariamente, um dispositivo analítico previamente elaborado e “pronto” para ser utilizado, mas sim uma pergunta que orienta a forma como o leitor analisa o discurso que é seu objeto de pesquisa, criando, assim, o seu próprio método de análise (ORLANDI, 1990). Podemos afirmar, então, que o principal esforço nesta etapa não foi trazer à luz da análise o óbvio ou o imediato, mas sim procurar, na escrita de Ésquilo, “[...] o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica [...]” (ORLANDI, 1990, p.59).

Em seguida, se fez necessário procurar em meio aos vasos gregos aqueles que apresentassem o persa de forma similar a como ela é apresentada na peça. Tal procura resultou em dois vasos de produção ática, isto é, fabricados em Atenas, evidenciados com base em critérios tipo-cronológicos e dados arqueológicos de proveniência e local de achado, portanto, o vaso deveria pertencer ao mesmo horizonte cronológico em que a peça foi encenada/apresentada pela primeira vez, em 472 a. C.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho encontra-se em suas primeiras linhas de desenvolvimento, sendo necessárias novas leituras e novos exercícios de análise para que este tome a forma e a proporção desejada. Entretanto, descrever as suas já pertinentes dificuldades é algo de caráter não só expositivo, mas também necessário.

No que diz respeito ao texto da peça, é preciso ter em mente que, assim como muitos outros textos gregos, é bem possível que ele tenha passado por uma série de “triagens” até chegar a nós tal como está agora. Conforme nos diz MENESES (1983), a partir do século IV a. C. eruditos da cidade de Alexandria, no Egito, passaram a selecionar e (re)compilar diversos textos gregos de acordo com seus próprios interesses históricos e de valor. Isso faz com que seja questionado não somente o caráter verídico e autoral dos dizeres de Ésquilo, mas também a sua cronologia, pois apesar de ser consenso entre acadêmicos e estudiosos que a peça foi, de fato, encenada pela primeira vez em 472 a. C. tendo, inclusive, Péricles como seu *impresario*, como nos diz CARTLEDGE (2002), isso também pode ter sido somente mais uma (re)formulação conveniente feita em algum momento desconhecido.

A pesquisa de fontes materiais segue métodos rigorosos, contudo, ainda assim, pode apresentar alguns problemas. Se não há um registro adequado durante o trabalho arqueológico, informações podem ser irremediavelmente perdidas. Muitos dos vasos cerâmicos conhecidos e publicados não possuem registro de achado e procedência, o que dificulta o trabalho do pesquisador.

Os vasos cerâmicos, estes também, em sua trajetória até nós, sofrem com a ação de inúmeras seleções e “triagens”. Uma dessas “triagens” é também a feita para a realização deste trabalho, pois a escolha desses vasos em particular muito diz a respeito do viés e da direção na qual o presente trabalho está inserido. Tendo sido escolhidas através do banco de dados, que é comportado pela Universidade de Oxford, chamado de Beazley Archive, as duas crateras decoradas com a técnica de figuras vermelhas foram selecionadas partindo do entendimento de que seria possível evidenciar em ambas traços representativos similares e possíveis de relação com o texto da peça. Tal relação se estabeleceu, principalmente, com a presença, nas imagens, de um antagonismo entre a lança, os gregos, e o arco e flecha, os persas, bem como com a forma com as quais as figuras persas são visualmente descritas.

Os métodos de análise aqui empregados acompanham as metodologias do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga, LECA. Laboratório no qual se estuda, como o próprio nome sugere, a cultura cerâmica e a cultura material, ambas fontes de suma importância para a pesquisa em História.

4. CONCLUSÕES

Muito embora o trabalho esteja em seus momentos iniciais, ele abarca em suas principais questões uma problemática que compreende não somente preocupações pertencentes à época de Ésquilo e sua *Persai*, o trabalho aqui descrito traz à luz da discussão um tema cuja importância e interesse não se confinam somente às preocupações pertinentes aos classicistas ou helenistas, mas também a todo aquele que busca compreender o fenômeno comum ao mundo que, estando intrinsecamente ligado às fontes aqui analisadas, é a forma

como se costuma enxergar e padronizar não somente aquele de descendência persa, mas também o oriental de forma geral.

Tal fenômeno não é algo exclusivo dos gregos e de sua antiguidade clássica, é algo que esteve, e está, presente no pensamento global e cujos ecos ainda geram acalentadas discussões mundo afora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTLEDGE, P. **The Greeks: A Portrait of Self and Others**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ÉSQUILO. Persas. Tradução integral de José Antonio Alves Torrano. **Letras Clássicas**, São Paulo, n.6, p.197 – 228, 2002.

MENESES, U. T. B. Cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n.115, p.103 – 117, 1983.

ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1990.

STASZAK, J. – F. Other/Otherness. In: KITCHIN, R.; THRIFT, N. **International Encyclopedia of Human Geography**. Amsterdam: Elsevier, p.43 – 47, 2009.